

# CATECUMENATO E INICIAÇÃO CRISTÃ NA TRADIÇÃO APOSTÓLICA DE HIPÓLITO DE ROMA

*Prof. Me. Vicente de Paulo Moreira\**

## RESUMO

*Este texto apresenta a estrutura e os aspectos mais importantes do ritual de iniciação cristã de Hipólito de Roma, fundamentalmente, explicita e analisa a sua obra “Tradição Apostólica”. Nesta perspectiva, discorre-se sobre o pré-catecumenato; a preparação imediata para a iniciação cristã; o ritual batismal; e pós-batismal; e a unção. Em suma, este texto quer demonstrar como o ritual de iniciação cristã de Hipólito é, fundamentalmente, um modelo completo de iniciação à vida cristã para a Igreja.*

**Palavras-chave:** *Iniciação. Ritual. Unção. Fé. Batismo.*

## ABSTRACT

*This paper presents the structure and the most important aspects of Christian initiation rite of Hippolytus of Rome, essentially, explains and analyzes his “Apostolic Tradition”. In this perspective, discourses over the pre-catechumenate, the immediate preparation for Christian initiation, the baptismal rite, and post-baptismal, and the anointing. In short, this paper wants to demonstrate how the ritual of Christian Initiation of Hippolytus is fundamentally a complete model of initiation to Christian life for the Church.*

**Keywords:** *initiation. Ritual. Anointing. Faith. Baptism.*

## INTRODUÇÃO

O bispo Hipólito era também escritor na primeira metade do séc. III. Segundo o testemunho de Eusébio e de Jerônimo, que não conseguiram saber qual era a sua sede episcopal, atribuem a ele muitos escritos: “Hipólito,

---

\* Pe. Vicente de Paulo Moreira é mestre em Filosofia e em Teologia na área de ciências Patrísticas pela Pontifícia Universidade Lateranense de Roma. É professor da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo.

chefe de uma Igreja [...] deixara cartas e diversas composições”.<sup>1</sup> Apolinário de Laodicéia e Leôncio de Bizâncio atribuem a Roma sua sede episcopal, daí o seu nome “Hipólito de Roma”. Este, até o ano de 1850, caiu no esquecimento e faltam informações precisas a seu respeito. Isso talvez se deva ao fato de ser o último escritor que se utiliza da língua grega em Roma, já quando poucas pessoas se dedicavam ao cultivo de tal idioma, que incidira em desuso no Ocidente, a partir do séc. III. A isso, sem dúvida, se deva o fato de suas obras terem sido deixadas no esquecimento durante tanto tempo. Hipólito é considerado escritor erudito, embora à moda de seu tempo, transmitindo o que os manuais oferecem em conhecimentos, sem recorrer às fontes e muito menos citá-las. Tenta reconstruir a autêntica tradição apostólica.<sup>2</sup> Neste trabalho, analisaremos, na obra atribuída a ele, denominada “Tradição Apostólica”, o catecumenato e a iniciação cristã.

No tocante à iniciação cristã (catecumenato), a Tradição Apostólica de Hipólito de Roma, que é o documento mais antigo a este respeito e a base do catecumenato cristão, apresenta o seguinte roteiro: condições de admissão do candidato; duração da preparação, exame dos candidatos e profissões proibidas; os ritos catecumenais e o lugar dos catecúmenos na assembleia. A oração de acolhimento dos candidatos ao batismo: exame, eleição, exorcismo, banho (na quinta feira), jejum (na sexta feira e sábado), último exorcismo e cerimônia do “effeta”.

Para facilitar o trabalho, achamos por bem fazer uma divisão detalhada das diversas etapas da iniciação cristã. Inicialmente, vem a preparação mais remota que hoje se chama de “pré-catecumenato” “*De novis qui accedunt ad fidem*”; “*adducuntur*” são conduzidos. A segunda parte é a preparação mais imediata para a iniciação: “*De iis qui accipient baptismum*”. Como terceira etapa, encontramos já o ritual do batismo “*De traditione baptismi sancti*”.<sup>3</sup> Na quarta etapa encontramos o ritual pós-batistal e continuação. Estas são as quatro etapas bastante claras que podemos encontrar na tradição apostólica com relação à iniciação cristã. A seguir desenvolveremos cada uma delas de forma mais detalhada.

<sup>1</sup> Cf. HYPPOLYTE DE ROME, La tradition apostolique, n. 15.

<sup>2</sup> Cf. HYPPOLYTE DE ROME. La tradition apostolique, n. 21.

<sup>3</sup> Cf. Ibid., n. 21.

## 1. PREPARAÇÃO MAIS REMOTA, HOJE CHAMADA DE PRE-CATECUMENATO

“*De novis que accedunt ad fidem*”; “*adducuntur*”.<sup>4</sup> Os interrogatórios neste e nos outros capítulos são muito exigentes. E havia necessidade de sê-lo, pois, culturalmente, vivia-se num mundo pagão.

Era preciso estar seguro da autenticidade da conversão dos pretendentes ao batismo. A atitude de Hipólito em relação aos que abandonavam a fé e depois queriam voltar, interessa-nos. No número 15 da constituição defrontamo-nos com um problema textual: “*Interrogentur autem de vitam (bios) eorum qualis sit [...]*”. O texto das Constituições Apostólicas fala de “*modus vitae*”; no “*Testamentum Domini*” encontramos o termo “*conversatio*”; nos Cânones de Hipólito, “*occupationes*”. É claro que se trata de várias formas de conceber esta (bios): “[...] *an site ei mulier vel na sit servus*. A referência a *blasphemia* é para indicar a concepção paulina do mal que se faz e que atinge toda a Igreja, daí a proibição de blasfemar. Depois temos a preocupação com a pureza; a iniciação, através do banho, dá a purificação. Repara-se que isto aparece através do contraste existente entre o mundo do demônio e aquele do “*verbum doctrinam*”. “*Si quis autem daemonium habet, ne audiat verbum doctrinae donec purus sit*”. O contraste feito por Hipólito entre os dois mundos é absoluto.

No capítulo XVI<sup>5</sup> encontramos as indicações de profissões proibidas. Se algumas ocupações do século III não têm conotação negativa, o mesmo não se pode dizer de outras. Confiar os filhos a mestres que os ensinam, foi algo introduzido pelos pagãos, daí a exortação ao abandono dessa profissão, pois tem conotação com o paganismo. “*Qui docet pueros, bonum est ut cesset*”. Se for escultor, que não faça ídolos: “*si quis est sculptor vel pictor, doceantur ne faciant idola*”. O teatro também não era querido pela igreja primitiva, “*si quis est scenicus vel qui facit demonstrationem in vel cesset vel reiciatur*”.

O mesmo se diga dos gladiadores, sacerdotes dos ídolos, dos militares. A ordem de matar alguém era encargo dos oficiais militares, daí a proibição. Além disso, muitos dos soldados viviam do roubo, além da guerra.

<sup>4</sup> Cf. *Ibid.*, n. 15.

<sup>5</sup> HYPOLYTE DE ROME. *La tradition apostolique*, n.16.

Lembremos a resposta que João Batista dá aos soldados: “que cada um se contente com o próprio soldo”, após a exortação diz: e não maltratar nem fazer mal a ninguém. Temos também o problema dos juramentos. “Si jubetur, non exequetur rem, neque faciat juramentum”. Os soldados eram forçados a fazer juramentos aos deuses pagãos por obrigação para com o imperador.

O texto fala novamente do problema da impureza. Todavia não é somente em relação ao sexo em si, mas sim ao mundo das trevas: “*Meretrix vel homo luxuriosus vel qui se abscidit, et si quis alius facit rem quam non docet dicere, reiciantur: impuri enim sunt.*” Quanto às adivinhações, aos encantadores, astrólogos, a restrição permanece. Certamente estes são problemas grandes, pois, inclusive, se proíbem os amuletos “philacteria”. É importante ver como o n. XVI termina: “*Si omisimus aliam rem, occupationes ipsae docebant vos. Omnes enim habemus spiritum dei.*” Se nos esquecemos de alguma coisa, as próprias ocupações nos indicarão. No fundo trata-se de dois critérios que Hipólito dá para o discernimento, a saber: a indicação da idoneidade do indivíduo pela ocupação que exerce e o Espírito Santo.

O n. XVII “De tempore audiendi verbum... Catechumeni per ter annos audiunt verbum”.<sup>6</sup> O catecumenato apresenta-se bem estruturado: três anos de preparação. Neste período primitivo (sec. III-V) a palavra *verbum* é suficiente. Encontramos aqui uma referência à adaptação do catecumenato ao tempo: “non iudicabitur tempus sed conversatio sola est quae iudicabitur tantum”; pode-se dizer que a conversão é a razão para abreviar o tempo do catecumenato, ao menos em alguns lugares. O importante é a conduta de vida.

O n. XVIII “De oratione eorum que audiunt verbum”.<sup>7</sup> Os catecúmenos são colocados separados dos fiéis para ouvir a palavra e também para a oração. Estes precisam de muita oração e exorcismos para poder escutar como os fiéis *purus*. Na base de tudo isto está a santidade da comunidade. Os crentes foram redimidos do mal, foram “consagrados” e estão, por conseguinte, “separados” do mundo profano, pois os crentes são mais “santos”, puros. Por isso, os catecúmenos estão separados dos fiéis que ainda não são “puros”. Não podem dar a paz: “non dabet pacem”, entretanto, saúdam-se com o “beijo santo”, sem conotação profana... e no sentido ritual. Os

<sup>6</sup> Cf. HYPOLYTE DE ROME. La tradition apostolique, n. 17.

<sup>7</sup> Cf. Ibid., n. 18.

homens não saúdam as mulheres: “viri cum viris et mulieris cum mulieribus”. Os catecúmenos, não tendo ainda claro este sentido de fé, não o podem fazer. Regulamento para as mulheres: devem cobrir a cabeça: “operiant capita sua pallio”.<sup>8</sup>

No n. XIX “de impositione manus super catechumenos”.<sup>9</sup> A imposição das mãos é um sinal de oração intensiva para expulsão do Satanás, purificação do coração e bênção de Deus. Esta oração está ligada, essencialmente, ao ministério do catequista (doctor). Este ensina não só as várias verdades, mas A VERDADE. Para que venha a iluminação é preciso um dom especial de Deus. Outro aspecto importante é a possibilidade do martírio (sec. III). O catecúmeno pode encontrar a perseguição (mesmo na própria família) e o próprio martírio. Na hipótese de ser martirizado, receberá o batismo “insanguine suo”; é necessário para isso o coração indiviso: “ne faciat cor duplex propter testimonium”. Esta é a característica dos fiéis batizados e também deve ser dos catecúmenos a fim de poderem participar na vitória dos iniciados. O núcleo fundamental do catecumenato é fazer do candidato uma pessoa pura, sem ligação com o mundo e com o Satanás. Há uma exortação aos catecúmenos para serem um verdadeiro cristão.

## 2. A PREPARAÇÃO MAIS IMEDIATA PARA A INICIAÇÃO CRISTÃ

O n. XX “De iis qui accipient baptismum”.<sup>10</sup> O uso da palavra *baptismum* provém do Novo Testamento para significar o batismo tipicamente cristão. Existe um segundo escrutínio: conteúdo e significado. “Cum autem eliguntur”: os eleitos são diferentes dos catecúmenos em geral. Para chegar a ser “eleito” é preciso passar por um exame da vida (não da doutrina, nem da “verbum”) feito sobre quatro aspectos:

- a) Vida honesta “*in honestate*”;
- b) Honra as viúvas – sempre no cristianismo os órfãos e as viúvas tiveram um lugar especial.

<sup>8</sup> Cf. 1Cor 11,10 – Há uma referência a Paulo, mas aqui trata-se substancialmente do “cunho” do assim chamado por Hipólito.

<sup>9</sup> Cf. HIPOLYTE. op.cit., n. 19.

<sup>10</sup> Cf. HYPOLYTE DE ROME. La tradition apostolique, n. 20.

- c) Visita aos doentes
- d) Fazer bem todas as coisas “fecerint omnem rem bonam”. Trata-se de um elenco geral, mas muito interessante. Tem o seu fundamento: na verdade e na caridade. “Honra as viúvas que são verdadeiramente viúvas”.<sup>11</sup> “A religião pura... visitar os órfãos e as viúvas [...]”.<sup>12</sup> Dentro em breve a igreja acrescentará a “doutrina” (ortodoxa) depois da elaboração da doutrina dos concílios.

## 2.1. Possibilidade de escutar o Evangelho

Superado este segundo escrutínio, o catecúmeno torna-se apto para escutar o Evangelho. Antes, só podia escutar o “*verbum*”, o evangelho não. Este era só para os “eleitos”. A palavra do Evangelho é só para as comunidades dos santos. Este é um passo importante na caminhada do catecúmeno.

## 2.2. O discernimento do Bispo

A oração era intensificada com a imposição das mãos todos os dias, “*imponatur manus super eos quotidie dum exorcizantur*”, feita pelo “*doctor*” (leigo ou clérigo). Só no final da caminhada, o próprio bispo impunha as mãos para o exorcismo “*exorcizet omnes spiritus alienos...*”. Isto era muito importante para preparar a descida do Espírito Santo que se dava através daquele que tinha o “*spiritus principalis*”.<sup>13</sup> É através da oração que o bispo saberá fazer o discernimento do espírito na vida do catecúmeno. A pureza cresce em conformidade com o crescimento da fé. Viver a “pureza” significa, de algum modo, ser iluminado pela fé; o romper com o mundo era já um sinal desta adesão à “pureza”. A comunidade reza com intensidade para que o catecúmeno obtenha a fé e a iluminação (libertação das trevas). O bispo reza para poder discernir a fé do candidato e a comunidade reza pelo candidato e pelo bispo.

---

<sup>11</sup> 1Tm 5.

<sup>12</sup> Tg 1,27.

<sup>13</sup> Cf. HYPOLYTE DE ROME. La tradition apostolique, n. 3.

Três dias de preparação especial para a celebração da iniciação. Banho na quarta-feira: Hipólito não diz que o candidato não devia banhar-se durante o período do catecumenato, como interpretação de alguns estudiosos da Idade Média. Trata-se de um banho higiênico que tem a mesma perspectiva e está na base do que respeitam as mulheres menstruadas “si autem mulier este in regulis mulierum”. O banho de sábado será puramente ritual. Jejum na sexta-feira – O sábado será mais tarde chamado “Santo”. Aqui não se faz, diretamente, referência à Páscoa, mas apenas ao domingo. A imposição das mãos, pelo bispo, é também o último exorcismo.

É um exorcismo poderoso com base em Mt 12,43 que reflete o medo que a igreja antiga tinha do retorno do espírito do mal “exorcizet omnes spiritus alienos um fugiant ex ais et non revertantur iam in eos”. O sopro do bispo no rosto para infundir o Espírito no candidato. “Cum sigaverit fortem, aures et nares eorum suscitabit eos”. Isto mesmo se encontra referido em 2Cor 1,22: “ele é que nos marcou com o seu selo e deu aos nossos corações o penhor do espírito”. Segue-se uma vigília de oração, leituras e instrução durante toda a noite. É recomendada a simplicidade total, trazer apenas o que é necessário para a eucaristia. Devem vir apenas com a fé para se submeterem ao poder de Deus e à Sua vontade. Virão com as mãos abertas e o coração vazio para que o Senhor os encha.

### 3. O RITUAL DO BATISMO

O n. XXI “De traditione baptismi sancti”.<sup>14</sup> Há em questão uma fonte de água. O ritual começa com a bênção da água. Segundo a tradição judaica deve ser viva, corrente (Talmud; Didaché) ou da fonte (mais tarde). É difícil saber sobre aquilo que era (água corrente). A água *in fonte* parece não se poder adaptar ao século III. Se levarmos em conta a Dura – Europos, parece, no entanto, ter alguma lógica a reconstrução de Hipólito. Na parte direita da casa, temos um quarto ornamentado com cenas tipológicas nas paredes, referentes ao batismo. Nele se encontra também um “contentor” que durante muitos anos foi um problema devido à sua configuração sepulcral. Alguns pensavam tratar-se da sepultura de alguém importante. Hoje, porém,

---

<sup>14</sup> Cf. *Ibid.*, n. 21.

sabe-se que é uma fonte batismal. A tipologia está ligada à sepultura e à consepultura com Cristo, simbolismo que parece vir diretamente de Paulo (em Rm 6) sobre a morte e a ressurreição de Cristo. Como se traz aqui a água corrente? Não se pode ver claramente. No entanto, estará mais próximo de Hipólito do que do batistério de S. João de Latrão.

A ordem das ações rituais era a seguinte: “baptizate primum parvulos”. Os pais deverão falar por eles. “Post baptizate viros”. Para as mulheres referem-se algumas normas especiais: “Quae solverunt crines suos omnes” (sem ornamentos nos cabelos); “deposuerunt ornamenta auri et argenti” (objetos de ouro e prata); são sinais de ligação com o mundo. Fala-se ainda de “rem allenam deorsum in aqua”;<sup>15</sup> de qualquer coisa que signifique ainda apego a Satanás. A nudez significa o desapegar-se de tudo: “Ponent autem vestes”; depois far-se-á o revestimento para a participação na Eucaristia.

a) A renúncia a Satanás e a Unção (feita pelo sacerdote) com o óleo do exorcismo. Hipólito fala de dois tipos de óleo: óleo para o exorcismo: “oleum exorcismi”; e óleo da ação de graças: “oleum gratiarum actionis”. Estes óleos são bentos pelo bispo e são utilizados antes e depois do batismo. Antes de entrar na água cada catecúmeno deve fazer a renúncia a Satanás “tibi Satana”.<sup>16</sup> Esta renúncia é muito específica: “renuntio tibi, Satana, et omni servitio tuo et omnibus operibus tuis”. Este é o último passo do longo caminho do catecumenato. Depois da renúncia o sacerdote faz a unção com o óleo do exorcismo: “Omnis spiritus abscedat e te”. Temos assim a palavra renuncio a Satanás e o óleo do exorcismo antes do banho com água. Na água vai travar-se uma última e profunda luta, iniciada três anos antes com o início do catecumenato. A palavra e o óleo são utilizados para que Satanás vá embora.

b) O batismo (em forma tríplice com profissão de fé). Tríplice imersão acompanhada de profissão de fé: “credis in... Credo”. Os diáconos acompanham os homens “tradat eum episcopo nudum...”; as diaconisas acompanham as mulheres.

<sup>15</sup> Cf. HYPOLYTE DE ROME. La tradition apostolique, n. 20.

<sup>16</sup> Segundo o ‘TESTAMENTUM DOMINI’, esta renúncia é feita com todos voltados para o Ocidente sinal de morte; esta rubrica também se encontra nos séculos IV e V.

No texto S(AE) mais tardio, já encontramos alguns acréscimos: “adiuvan eum ut dicat: Credo...” “de doctrinae”; o mesmo nas outras interrogações. A tradição L não fala da ressurreição dos mortos e também a S(AE) não o fala. Doxologia: “quoniam tibi est, Patri et Filio cum Spiritu Sancto, in sancta ecclesia, et nunc et in saecula saeculorum”.

c) A unção com o óleo bento (ainda feita pelo sacerdote) em ação de graças em nome de Jesus Cristo depois do banho. O óleo de ação de graças (bento e consagrado pelo bispo) para a unção “em nome de Jesus Cristo”. Os catecúmenos vêm e se dirigem para o lugar onde a comunidade os espera: “et postea in ecclesia ingrediantur [...] de tempore quo oportet orare: propterea unusquisque sollicitus sit ire ad ecclesiam”.<sup>17</sup> Encontramos várias referências a este respeito nos escritos desta época, sobretudo nas cartas de Inácio de Antioquia.

#### **4. O RITUAL PÓS-BATISMAL**

O n. XXI fala sobre a imposição das mãos feita pelo bispo. Os que foram batizados estão agora na comunidade. O bispo impõe as mãos sobre eles (plural) para lhes conferir uma graça especial: “Episcopus uero manu(m) illis imponens... immitte in eos tuam gratiam, ut tibi seruiant secundum voluntatem tuam”.<sup>18</sup> Certamente as mãos sobre todos ao mesmo tempo é o que se implica da utilização do plural. Há alguns acréscimos em B(AE) mais tardio como a oração que acompanha o gesto que tem uma importância fundamental “in magno desiderio dicens”.

O que se quer por em evidência, segundo o meu ponto de vista, é a importância da oração. “Senhor Deus que os fizestes dignos de receber o perdão dos pecados... torna-os dignos de serem cheios do Espírito Santo e envia sobre eles a tua graça... para uma nova dignitas”.<sup>19</sup> Torna-os dignos. É Deus que toma a iniciativa e a concretiza em dois sentidos. Dignos de receber

<sup>17</sup> Cf. HYPOLYTE DE ROME. La tradition apostolique, n. 41.

<sup>18</sup> Cf. Ibid., n. 21.

<sup>19</sup> Cf. TERTULIANO (séc. III) e MAGNO, São Leão (séc. V). Eles usam esta palavra “dignitas” em seus escritos. Também no ofertório da Missa se usa – “pelo mistério desta água e deste vinho... dignidade do vosso filho...”

a remissão dos pecados e de serem cheios do Espírito Santo. “Se alguém está em Cristo é uma nova criatura [...]”.<sup>20</sup> Tudo vem de Deus que nos confiou o ministério da reconciliação e da santificação. Há divergências entre as diferentes recensões. Notam-se mudanças que a oração teve ao longo dos séculos. O Espírito Santo está ligado ao Banho “per lavacrum regenerationis Spiritus Sancti”. Esta mesma ligação encontramos-la em Tito: “[...] mediante o batismo de regeneração e renovação do Espírito Santo”.<sup>21</sup> Estamos diante de uma realidade pneumatológica sempre presente na iniciação cristã, como já nos referimos no estudo da Escritura. O Espírito Santo é dado no banho, mas não no sentido completo, de outra forma não teríamos esta oração que pede outra graça. Certamente foi este dado, mas não manifesto, o serviço concreto na vontade de Deus será a visualização desta manifestação. Trata-se da manifestação do Espírito em ordem ao serviço. B(AE) fala de dois “espíritos”, dom do espírito em si: “fac eos dignos ut repeantur spiritu sancto”. Depois, o dom (a graça) para o efeito: “ut ibi serviant secundum voluntatem tuam”. Mais tarde, o ritual ligará este à unção do bispo. É neste contexto que se colocam os problemas relacionados com o sacramento da confirmação.

#### 4.1. O batismo dá o Espírito Santo ou apenas insere em Cristo?

O texto dos “Cânones de Hipólito” (sec. VI) é importante para esclarecer esta dificuldade. Esta divergência (tardia) apresenta dois dons: batismo e serviço segundo a vontade de Deus. Mostra o desenvolvimento do mesmo ao longo dos séculos. No sec. IX temos dois sacramentos e não um. Apresenta uma nota sobre a oração episcopal: a salvação do mundo. Não se fala de um serviço abstrato, mas específico: “secundum voluntatem tuam”. “De fato, a vontade de Deus é a salvação do mundo”; “nada perca [...] mas o ressuscite [...]” (1Tm 2,4); “[...] se salvem e cheguem ao conhecimento da verdade e cada um de vós ponha a serviço dos outros o dom que recebeu” (1Pd 4,10). A iniciação é um sacramento da salvação e os iniciados são “sacramentos, isto é, devem manifestar a vontade de Deus vivida para a salvação de todos e devem também servir todos para que se realize esta obra de salvação. Mas esta é a missão da própria igreja: “igreja como

<sup>20</sup> 2Cor. 5,17.

<sup>21</sup> Tt 3,5-6.

sacramento de salvação no mundo”. Por isso, a iniciação faz presente esta missão eclesial na liturgia e na vida: estar a serviço da salvação hoje.

## **4.2. O sentido cristológico**

A participação em Jesus Cristo para servir os outros, participação especial na missão do Servo de Deus: Jesus. Cada iniciado deve carregar a cruz, como Jesus, para a salvação do mundo. Também Paulo se refere ao serviço de Jesus Cristo até a morte. Os verdadeiros discípulos são membros do Servo.<sup>22</sup> O iniciado recebe a graça para seguir o servo Jesus até a morte.

### *a) O sentido moral e para vida*

Para a vida, o serviço como “escravo”: “batizados em nome de Jesus: Servo”, assim como o “escravo” deve estar sempre pronto para servir o seu patrão, também o iniciado deve “servir segundo a vontade de Deus”. No final deste número XVI encontramos uma doxologia muito antiga e muito bonita: “quoniam tibi est glória, patri et filio cum spiritu sancto, in sancta ecclesia, et nunc et in saecula saeculorum, Amen” “Patri et Filio” – expressão muito antiga; “in sancta ecclesia” manifesta uma fé muito forte na Igreja como Templo do Espírito Santo. De fato, os cristãos são sacramentos da glória de Deus<sup>23</sup> porque Deus é que brilhou em nossos corações, para que irradiássemos o conhecimento da glória de Deus que se reflete na face de Cristo.

### *b) A unção com óleo feita pelo Bispo*

A unção feita pelo bispo com o óleo de ação de graças em nome da Trindade é um novo rito de unção. Mudança da fórmula, antes no plural e aqui no singular: “Ungeo te”; possivelmente seja reflexo da situação real. Antes, a imposição das mãos sobre todos os candidatos e aqui individualmente: “pestea oleum sanctificatum infundens de manu et imponens in capite dicat: ungeo te”. Partindo do texto não se sabe bem o modo como se faria,

<sup>22</sup> Cf. HYPOLYTE DE ROME. La tradition apostolique, n. 19. Catecúmenos que sofrem por causa da fé.

<sup>23</sup> 2Cor 4,6.

mas Botte, na sua introdução, e também o “Testamentum Domini”, dizem que o bispo teria o óleo na mão e depois o derramaria sobre a cabeça do candidato.<sup>24</sup>

## 5. O PROBLEMA DESTA UNÇÃO

Esta terceira unção, seguindo com o óleo consagrado pelo bispo, é feita em nome da Trindade: “ungeo te santo óleo in Domino Patre omnipotente et Christo Jesu et Spiritu Sancto” A segunda feita pelo sacerdote é em nome de Jesus: “Et postea cum ascenderit, ingueatur a praesbytero de illo oleo quod sanctificatum es dicente: ungeo te oleo sancto in nomine Jesus Christi”. Esta terceira unção recorda a tríplice profissão de fé batismal. Na doxologia, faz-se referência ao Filho, fórmula antiga como no Novo Testamento: “Eu me refiro a Jesus de Nazaré: Deus ungiu com o Espírito Santo e com o poder o qual andou de lugar em lugar, fazendo o bem e curando todos os que eram oprimidos pelo diabo; porque Deus estava com Ele”.<sup>25</sup> Com esta unção, Hipólito adapta o que não se encontra nas outras igrejas. De fato, como já dissemos Paulo não é um “especialista em liturgia”, mas apresenta apenas o aspecto teológico, portanto, não o rito em si mesmo. Mas no sec. III, segundo Hipólito, faz-se um primeiro “*culmen*”, antes da Eucaristia, porque a participação nesta é, de fato, o autêntico “*culmen*”.

## CONCLUSÃO

Segundo o meu ponto de vista, eis um ritual completo da iniciação cristã (catecumenato): desde o acolhimento dos candidatos até a participação na ceia Eucarística. Poderia ter sido um tratado independente, pois chega mesmo a uma conclusão própria. É um documento único no gênero, nos primeiros séculos, apesar de Tertuliano e outros autores darem catequeses batismais ou elementos esparsos sobre o assunto. A visão concreta das etapas e os detalhes fornecidos nos permitem uma percepção muito real da vida da comunidade primitiva. Todos os membros da igreja local, a começar pelos leigos, estão empenhados seriamente no exame, na preparação e no

---

<sup>24</sup> SI 133,2 (132,2).

<sup>25</sup> At 10,38.

acompanhamento dos candidatos. Longe de solicitar a alguém para entrar, quase forçado, percebe-se o rigor das exigências evangélicas tomadas como condição para a admissão no catecumenato e o ingresso efetivo na comunidade. Temos detalhes interessantes sobre o meio social de então e o papel da comunidade eclesial. As renúncias a Satanás e a tudo que o representa não eram palavras vazias. Significavam conversão real para um novo tipo de relação do candidato à vida em igreja, com as solicitações sociais, ocasiões de pecar e os costumes pecaminosos.

A prolongada preparação (três anos) permitia verificar se o comportamento dos candidatos era realmente de convertido. Em época de tanto sincretismo, a Igreja não podia contentar-se com mini-cristãos, semi-convertidos. A tarefa de dar testemunho é, por demais, séria. Não admite uma fé apenas interior, nem uma religião conforme os moldes da cada indivíduo. O estilo de vida e até mesmo a profissão devem ser condizentes com a prática do Evangelho, testemunho diante de todos. O Espírito Santo é quem transforma os corações. Eis porque o catequista, após a oração de cada um, impõe as mãos sobre todos e, antes de se despedir, invoca o dom de Deus sobre àqueles os quais instrui pela palavra.

## BIBLIOGRAFIA

- BAUS, K. *Il progressivo sviluppo del culto liturgico*: In JEDIN, H. (a cura di), *Storia della chiesa*. Vol. I. Milano: Jaca Book, 1988.
- BERARDINO, A. *La chiesa antica: Ecclesiologia e istituzione*. Roma: Borla, 1984.
- BOTTE, B. *La tradition Apostolique de Sainte Hippolyte*. (LQF 39) Muinster Westfa len, 1989.
- CAIBÉ, R. *L'ordo de l'institution chrétienne dans la Tradition Apostolique d'Hippolyte de Rome*: in AA.VV. *Mens concordet voci*. Paris: Desclée, 1993.
- CAPELLE, B. *L'introduction du catechuménat à Rome*. *Rech. Théol. anc. médièv.* 5 (1993).
- DANIÉLOU, J. *La catechesi nei primi secoli*. Leumann: Torino, 1982.
- DI BERARDINO, A. *L'iniziazione cristiana e i suoi riti*: in GROSSI V DI BERARDINO. *LA CHIESA ANTICA, ECCLESIOLOGIA E ISTITUZIONI*. Roma: Borla, 1984.
- INSTITUTUM PATRISTICUM AUGUSTINIANUM (DPAC). Vol. I. Roma: Marietti, S/D.
- DUJARIER, M. *Breve historia Del catecumenato*. Bilbao: DDB, 1986.

EASTON, B. S. *The Apostolic Tradition of Hippolytus Translated into English with introduction and Notes*. Cambridge: University Press, 1934.

HAMMAN, A. *I cristiani del secondo secolo*. Il Saggiatore: Milano, 1973.

HANSENS, J. M. *La liturgie d'Hippolyte*. Rome: Institutum Orientalium Studiorum, 1959.

HIPPOLYTE DE ROME. *La tradition apostolique*: in B. BOTTE, Paris: Ed. Du Cerf, 1968.

JUNGSMANN, J. A. *La liturgie des premiers siècles*. Paris: Ed. Du Cerf, 1962.

MARTINEZ, F. J. *Iniciación y catequesis en la Iglesia antigua: in Teología y Catequesis*, (1984).

NOCENT, A. *Preistoria ed primi sviluppi dell'iniziazione*: in Anamnesis 3/1, Torino: Marietti, 1986.

RAHMANI, I. E. *Testamentum Domini nostri Jesu Christi nunc primum edidit, Latine reddidit et illustravit*. Mayence, 1988.